

ALIENAÇÃO DO TRABALHO: COMO SE ENQUADRA O NOVO TRABALHADOR?

Marcos André Dessanti
Matias Trevisol

Resumo

O presente resumo foi construído a partir da demanda clínica apresentada pelos pacientes, frente às incertezas ao mercado de trabalho e as angústias quanto o futuro de suas decisões laborais. Nota-se, que essa situação representa uma grande demanda clínica e, quem sabe uma máxima para um futuro próximo. Para tal estudo, fez-se necessário articular o saber da Psicologia frente a nova morfologia do trabalho, alinhando a experiência clínica dos atendimentos ao referencial bibliográfico. O objetivo é propor discussões acerca da profundidade psicossocial do trabalho na contemporaneidade, como instrumento social de adoecimento e alienação. As atividades foram desenvolvidas sob supervisão e orientação, através do componente de Estágio Curricular Supervisionado II, sendo esta, uma disciplina do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). A partir da temática exposta, foi necessário refletir as ambivalências envoltas ao mercado de trabalho e sobre o capitalismo visceral, como produtor de sujeitos doentes nesse status quo; aliás, como se enquadra o novo trabalhador? Para Antunes (2014), essa nova morfologia do trabalho estruturou-se de forma sutil, por bons samaritanos, que fazem uso de eufemismos e comportamentos tácitos a fim de nomear tal assunto espinhoso: as novas formas de trabalho.

Presume-se ser de amplo conhecimento a seara de atribuições que um funcionário contemporâneo possa ter, levando em consideração a transição laboral: Taylorismo – Fordismo - Toyotismo, qual trouxe notável reestruturação organizacional e produtiva, substituindo a acumulação industrial e o grande contingente de trabalhadores, para estoques vazios e funcionários polivalentes. Ademais, a forma caricata e ortodoxa das empresas de outrora, poder-se-ão nem existir mais, tendo visto a ruptura do monopólio das empresas físicas frente a ascensão das fintechs e startups. Categoricamente, essas ações estreitaram nossa forma de consumir, não obstante, nossa forma de viver e trabalhar.

Ao refletir sobre a pandemia de covid-19, percebe-se análoga a esta uma transição laboral, aliada a flexibilização e disrupção das formas antigas de trabalho. Toda essa situação, transitou da utopia para realidade em poucos meses.

Essas possibilidades permitiram a transformação do trabalho, aliando novas metodologias e rendimentos a tempo e serviço disponível para trabalhar; a priori, esta não aparenta ser uma má ideia. Contudo, a partir dessa transição, para os trabalhadores também se fez necessário uma reestruturação, a fim de atribuir sentido a esses novos funcionários polivalentes, que tudo sabem, tudo fazem. Portanto, está sendo comum o uso de vocábulos que visam atribuir sentido entre o trabalhador e trabalho, como: colaboradores, associados e empreendedores. Esta narrativa visa alienar o sujeito, lhe atribuindo alguma significação a partir do trabalho realizado, embora, as vezes não lhe representa significado algum, além da própria sobrevivência.

Ademais, para melhor entender essa narrativa, é importante ressaltar as novas políticas salariais que acompanham essa nova forma de trabalho, estas articulam a lucratividade ao tempo trabalhado, sem ao menos ter um honorário mínimo garantido. Em alguns ofícios, tal responsabilidade de remuneração é delegada a "insensíveis" algoritmos de aplicativos. Presume-se então, que esses novos sujeitos sejam recompensados e nomeados a partir de sua produção. Como seriam os nomes desses sujeitos? Metas, cobranças e angústias para o amanhã?

Inicialmente, considera-se que as pessoas são inominadas e substituíveis, estando à despeito do capitalismo e da onda tecnológica para alcançar seu lugar ao sol. Para o futuro, a partir dessas considerações, presume-se que a nova morfologia do trabalho, ou a “escravidão digital-laboral” por assim dizer, relaciona-se a um ambiente em que todos os sujeitos ocupam espaços, embora nem todos são notados.

Essa nova atmosfera do trabalho, denota deveras preocupação, tendo posto a microfísica de poder capitalista, alicerçada como salvação aos infortúnios que na sociedade possam emergir, como as altas taxas de desemprego, fome e precariedade. Entende-se, que essas situações foram potencializadas pelo pandemônio social que a pandemia de covid-19 promoveu.

A partir dessa narrativa, determinadas condições são preservadas em detrimento de outras, devido o não enquadramento social, como preconiza Butler (2015). Esse fenômeno da flexibilização do trabalho, está diametralmente oposto às leis trabalhistas ou qualquer forma de seguridade social, e aparece como salvação a uma sociedade pobre, à mercê do apocalipse. E quanto ao trabalhador, com jornadas prolongadas, salários indefinidos e a não identificação simbólica com o seu próprio trabalho? talvez estão doentes e alienados, já que este é caracterizado sob um ímpeto de incertezas, mas sutilmente batizado sob a alcunha de “empreendedorismo”. Existe acordo entre trabalhador e patrão?

Denota-se nos atendimentos clínicos, como a questão laboral é central em grande parte das angústias dos atendidos. Se levarmos em consideração com a proposta da clínica universitária, em prol social de oferecer serviço psicológico de forma gratuita, conclui-se que grande parcela dos atendidos carecem de condições para pagar, e mesmo assim, muitas vezes faltam aos atendimentos em virtude da incerteza sobre a falta no trabalho ser abonada ou não, tal como, a ansiedade de não estar produzindo naquela hora destinada a seu tratamento.

Para os autores Fernandes e Pereira (2017), ao pensarmos a partir da perspectiva de Maslow, em sua Pirâmide da Hierarquia das Necessidades Humanas, a garantia das necessidades fisiológicas e de segurança sobrepõe

as necessidades sociais e de estima, e quanto a autorrealização, aparenta ser uma distopia distante para alguns públicos.

Para melhor compreender essa relação, o autor Athayde (2005), explica que Dejours deslocou seu trabalho investigativo das doenças mentais geradas pelo trabalho para o sofrimento e defesas contra este sofrimento primário, o que mais tarde chamar-se-ia: Psicodinâmica do Trabalho. Ao ponto dessa discussão, percebe-se um paradoxo entre prazer e sofrimento para melhor explicar essa dinâmica entre trabalhador e trabalho. Esse mercado capital produz sujeitos ansiosos, inquietos e angustiados sobre o amanhã, que os culpabiliza pela depressão, ansiedade e estresse que desse sofrimento possam surgir, movimento este, às vezes batizado como meritocracia.

Para os atendimentos clínicos, a demanda laboral costumeiramente é o ponto central dos atendimentos, balizando as ações destes e não permitindo a plenitude de viver sem a angústia de não produzir. Logo, tempo parado é decréscimo de capital, caracterizado talvez como uma neurose dominical: “[...] em que o homem se sente incomodado ao chegar o domingo ou o fim de semana em que fica em casa e tem de conviver com a família, consigo mesmo e com o próprio vazio da existência.” (AQUINO, et al., 2015. p. 7). Portanto, o novo trabalhador se caracteriza inominado, ou seja, sem nome ou nomeação, estando à mercê do enquadramento social vigente, que no momento visa acumular capital e subjugar vidas. E para os trabalhadores, talvez os resta a neurose do vazio de suas existências.

REFERÊNCIAS.

ANTUNES, Ricardo. Desenhando a nova morfologia do trabalho no Brasil. *Estudos avançados*, v. 28, p. 39-53, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/zDCryfbtfD3Yw6YXTTB3YXL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2021.

AQUINO, Thiago Antonio Avellar de et al. Questionário de Sentido de Vida: Evidências de sua validade fatorial e consistência interna. *Psicologia: Ciência*

e Profissão, v. 35, p. 4-19, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/3WxTzqk8H6KjdGkD4KSdttR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2021.

ATHAYDE, Milton. Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2005.v21n3/989-990/>. Acesso em: 19 nov. 2021.

BUTLER, Judith. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?. 2015. 1ed. P. 282.

FERNANDES, Jair José Moreira; PEREIRA, Francisco Wendell Fontenele. A PIRÂMIDE DE MASLOW EM PLENO SÉCULO XXI. 2017. Disponível em: https://adm-portal.appspot.com/storage.googleapis.com/_assets/modules/academicos/academico_7118.pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.

E-mail: marcos.dessanti@gmail.com

E-mail: matias.trevisol@unoesc.edu.br